

Mala Direta  
Básica

911020870001-63 – SE/RS  
APTAFURG



# SINDICATO NA LUTA

OUTUBRO DE 2023 - ANO XIX

## Carreira em discussão, categoria em luta!

Técnicos e técnicas em educação das IFES debatem carreira

A categoria dos técnicos administrativos em educação vive um momento muito importante na sua existência, pois nesse momento está sendo rediscutida a carreira, depois de 18 anos de implementação do plano de carreira dos cargos técnicos administrativos em educação, através de lei 11.091 de 05 de janeiro de 2005, as entidades representativas estão junto ao governo federal buscando a implementação de melhorias



## COLUNA DE GÊNERO

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL ECOFEMINISTA: UM DIÁLOGO COM AS MULHERES DO MOVIMENTO COLMÉIA

**Lisiana Lawson Terra da Silva** – Doutora em Educação Ambiental e presidente do Movimento Solidário Colméia

O Movimento Solidário Colméia completou em dezembro de 2022 vinte anos de atuação na cidade de Rio Grande. Durante esse período desenvolveu suas atividades por meio de quatro eixos: educação de crianças e jovens; educação de adultos; geração de renda e; cultura e lazer. É uma associação sem fins lucrativos que se caracteriza pelo trabalho voluntário em oficinas educativas gratuitas. As trinta famílias atendidas pelo Movimento Colméia, atualmente, têm em comum, além do território que habitam, a situação de vulnerabilidade socioambiental, isto é, enfrentam a pobreza extrema; encontram dificuldades no acesso à direitos básicos, como saúde e educação; e não possuem participação sobre políticas públicas relativas ao ambiente em que vivem. Essas famílias são representadas por mulheres e a maioria delas são chefes de família.

Em 2019, em parceria com as mulheres participantes do Movimento Colméia resolvi desenvolver uma pesquisa de doutorado intitulada *Educação Ambiental Crítica, mulheres e natureza: um estudo sobre convívio feminino no Movimento Solidário Colméia, a partir de uma perspectiva ecofeminista*, a qual foi defendida em agosto de 2023 no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental – PPGA da FURG.

O ponto de partida para a tese foi compreender que as análises de gênero não davam conta dos problemas que as mulheres em situação de vulnerabilidade enfrentavam em seu dia a dia, como a pobreza, o ambiente degradado e os preconceitos de gênero e raça. Ao escutar, dialogar e refletir com elas, cada vez mais acreditava que a Educação Ambiental crítica e ecofeminista fornecia os elementos teóricos para análise desses problemas. Por ser uma educação política e que tem

como objetivo principal refletir sobre o ambiente como um espaço de relações complexas entre humanos e natureza, a Educação Ambiental busca a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais, que produzem relações de opressão historicamente construídas. Junto a isso, o ecofeminismo possui uma abordagem teórica relativa às questões das mulheres, as quais permite refletir sobre o capitalismo interseccionado ao patriarcado, ao colonialismo e ao racismo.

Assim, a tese defendeu que a Educação Ambiental crítica articulada ao ecofeminismo produz uma potente lente epistemológica que permite às mulheres em situação de vulnerabilidade, reunidas em um espaço de convívio, o qual é formativo, desvelarem as opressões, as quais atuam de forma dinâmica e em dimensões variadas na materialidade de um determinado território e contexto social e histórico e que as colocam como inferiores em uma sociedade capitalista e patriarcal.

O processo de pesquisa foi desenvolvido por duas partes que dialogaram: a construção teórica de nossa lente epistemológica e a pesquisa de base empírica. Para isso, a escolha da metodologia da pesquisa-ação foi importante, uma vez que é uma pesquisa participante fundamentada na Educação Popular e que tem como objetivo a construção de uma ação para o enfrentamento de problemas, gerando transformação. A partir disso, foram dezoito encontros com as mulheres participantes, durante o ano de 2022, por meio de Círculos de Cultura, os quais tiveram como temas geradores: mulher – maternidade – trabalho. Além disso, os círculos foram perpassados pelas categorias freirianas de ação – reflexão, diálogo, conscientização, e, por fim, autonomia.

O objetivo foi desvelar os problemas



Imagem: Reprodução Facebook

enfrentados pelas mulheres do Movimento Solidário Colméia, partindo da problematização do contexto vivido e buscando, com isso, refletir e gerar ações transformadoras, como parte do processo de conscientização. Com esse propósito, ao fim dos círculos e, após o diálogo sobre os temas, foi elaborado um mapa diagnóstico de problemas, em que as participantes puderam visualizar os problemas que mais impactam suas vidas e escolher uma ação de enfrentamento. Em primeiro lugar, apareceram as violências, tanto a violência urbana ligada ao território, como os preconceitos de gênero, raça e classe que, em conjunto, bloqueiam o acesso a empregos dignos e, até mesmo, dificultam o acesso a certos espaços da cidade (como o centro), tornando-os espaços hostis às mulheres participantes da pesquisa. Mas como enfrentar esses problemas? A pesquisa-ação reconhece que certos problemas são estruturais e não solucionáveis durante a pesquisa e, portanto, é preciso escolher uma forma de enfrentamento que esteja ao alcance das participantes.

A escolha das mulheres do Movimento Colméia foi enfrentar a falta de emprego e renda, a partir de um projeto de geração de renda, compreendido como uma ação para a construção da autonomia. Assim, surgiu a ideia de criar uma associação de mulheres que trabalharão no próprio território, e de forma coletiva, na produção de sabão a partir do óleo de cozinha reciclado.

Encerramos juntas um capítulo de nossa experiência, a tese, mas começamos outro, em que, conscientes de nosso inacabamento, estamos convictas de que a mudança é possível e assim, enfrentamos os novos desafios!

EDITORIAL

## CARREIRA EM DISCUSSÃO, CATEGORIA EM LUTA

A categoria dos técnicos administrativos em educação vive um momento muito importante na sua existência, pois nesse momento está sendo rediscutida a carreira, depois de 18 anos de implementação do plano de carreira dos cargos técnicos administrativos em educação, através de lei 11.091 de 05 de janeiro de 2005, as entidades representativas estão junto ao governo federal buscando a implementação de melhorias.

A APTAFURG representante dos TAEs da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (campus Rio Grande), está participando ativamente desse processo, temos a nossa representação no grupo de trabalho nacional e estamos em discussão local.

Este momento é de suma importância para as nossas condições de trabalho e principalmente de remuneração, no dia 03/10, foi apresentada a proposta de carreira, mas já sabemos que qualquer avanço deve ser fruto de muita luta.

Neste mesmo dia realizamos o primeiro seminário de discussão da carreira com a presença de representantes dos sindicatos dos TAES da UFRGRS e UFPEL além é claro de um representante da FURG, as companheiras Mara, Maria e Maristela, apresentaram as propostas discutidas na plenária nacional da Fasubra, realizada nos dias 30/09 e 01/10, momento em que fomos representados pelo nosso delegado Patrick Matos Freitas, dentre as propostas podemos destacar:

- Recomposição das perdas inflacionárias;
- Reduzir o interstício de Progressão para 12 meses;
- Piso de 3 salários mínimos;
- Reajuste dos percentuais de incentivo à Qualificação;
- Analisar junto à CNSC quanto à possibilidade de:
  - Ampliação de IV para VIII Níveis de Capacitação
  - Implementação do RSC para a carreira do PCCTAE
  - Correlações entre os níveis
  - Construções de cenários que não gerem VBC ou riscos nos reposicionamentos

Para que tenhamos êxito nessa negociação, devemos ter um sindicato forte e atuante, e isso só é possível com a participação do maior número possível de membros da categoria, venha participar dessa discussão, venha nos ajudar a construir as melhorias na nossa carreira, venha construir um sindicato com a nossa cara e nossa garra, o momento de luta é agora se tu não és filiado o momento é esse, pois o teu futuro está em discussão agora, e a tua participação é fundamental para a continuarmos ativamente nesta luta.

Conforme nosso maluco beleza, que já dizia: "sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade", venha sonhar e realizar conosco não fique só, pois todos juntos somos fortes, venha para o sindicato.

BOLETIM APTAFURG

# PODCAST



Sabia que agora tu encontros o Boletim da Aptafurg também em formato de podcast?

**TODA SEMANA UM NOVO EPISÓDIO**

Presente em todas as principais plataformas de podcast



## NOVIDADE!!!

Agora a edição do boletim de notícias da APTAFURG, veiculado semanalmente pode ser acessado também em formato de podcast. Aqui você irá ficar atualizado sobre tudo o que está acontecendo sobre a categoria dos técnicos e técnicas e outras notícias de seu interesse também! Ouça lá no spotify pelo @paralelo30aptafurg.

# SE A VIDA IMITA A ARTE, AS LEIS DEVEM IMITAR A ARTE E A VIDA: SIM ÀS RELAÇÕES AFETIVAS LGBTQIAPN+

Diogo Silveira Garcia - Advogado

É recente a produção de filmes, telenovelas, *mainstreams* e comerciais que abordam as questões afetivas das pessoas LGBTQIAPN+, não as retratando através da criação de personagens caricatos e repletos de estereótipos. Geralmente os personagens LGBTQIAPN+ eram –e dependendo da produção ainda são– utilizados para trazer o alívio cômico à história, uma técnica que a direção se utiliza(va) para arrancar os risos dos telespectadores.

Infelizmente, a graça que motivava essas gargalhadas estava sempre relacionada às características físicas ou comportamentais desses personagens que eram habitualmente representados por uma mulher extremamente masculinizada, ou um homem bastante afeminado ou uma identidade trans.

Merece o registro de que não há nenhum problema com as características desses personagens, mas na forma como eles eram explorados, reduzindo as identidades sexuais e de gênero a algo jocoso. Em decorrência da cultura LGBTfóbica em que a sociedade está submersa, por muito tempo, essa foi uma ótima estratégia, por conta da “anormalidade” dessas identidades classificadas como desviantes.

Entretanto, parece que algo no cinema e nas telenovelas mudou. Em algum momento as identidades sexuais (infelizmente mais do que as identidades de gênero) passaram a ter suas realidades afetivas representadas, deixando de lado os personagens engraçados que davam alívio cômico à produção e dando espaço a outras características.

Trazendo histórias onde pessoas LGBTQIAPN+ são As Protagonistas, as quais possuem qualidades e defeitos, amigos e inimigos, sendo mocinhos e vilões (aqui teve uma tentativa de retirar o gênero das duas palavras, como forma de incluir mais identidades), que se apaixonam, têm familiares, emprego, se preocupam com a saúde, ficam tristes e uma série de outros hábitos e sentimentos que qualquer indivíduo possui.

Atualmente, as telenovelas e plataformas de *streaming* vem conquistando o carisma do

público com conteúdo artístico que aborda relacionamentos homoafetivos, trazendo esse contexto como o tema principal do enredo.

A título de exemplo, cito três produções que abordam histórias de homens que se amam. Pontuo que escolho esses materiais por compreender que além do meu local de telespectador, essas produções tocam no meu local de fala, já que sou um homem *gay*, que quer ver a sua “expressão de amar” sendo transmitida, como forma de representatividade.

A primeira, que inclusive é a minha favorita, se trata de uma série chamada *heartstopper* (mesmo nome do livro que deu origem à série) e pode ser assistida na Netflix. Esse seriado possui duas temporadas, sendo que cada uma delas conta com oito episódios de curta duração de tempo. Essa produção traz a história de amor de dois adolescentes que estudam no ensino médio da mesma escola, sendo um deles *gay* e o outro bissexual. O romance entre ambos é abordado de forma leve, respeitosa e ingênua. Além disso, a série incentiva o debate sobre questões de aceitação, preconceito, identidade de gênero e a descoberta do primeiro amor, tudo isso de forma agradável e com um roteiro simples que qualquer produção de romance adolescente possui.

Já a segunda produção, se trata de um filme chamado *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (mesmo nome do livro que deu origem ao filme), podendo ser assistido na plataforma *Amazon*. O filme traz a história de dois rapazes, sendo um deles o filho da presidenta dos EUA e o outro o príncipe da Inglaterra. Da mesma forma da série indicada anteriormente, o filme também traz o debate sobre a aceitação, o medo da rejeição gerado pelo preconceito, os desafios de se relacionar com uma pessoa do mesmo gênero –por conta de toda intolerância– e a felicidade que é expressar o amor de forma livre, sem qualquer maneira de preconceito. A produção possui um roteiro simples e usa os mesmos artifícios de filmes de romances



Imagem: Reprodução Netflix/Divulgação



Imagem: Reprodução Amazon Prime Vídeo/Divulgação

famosos, sendo a sua única diferença, a escolha das pessoas que compõem a relação amorosa.

Já a terceira produção, se trata da novela *Terra e Paixão*, onde os personagens Ramiro e Kelvin vem conquistando o público de telespectadores da Rede Globo. Na trama, Kelvin é um homem *gay* assumido, enquanto Ramiro, rapaz que trabalha de capataz para um grande fazendeiro, está em um período de descoberta da sua sexualidade. Quanto às técnicas utilizadas pela direção da novela para construir a história do casal homoafetivo, é possível perceber que a direção tenta não “assustar” a audiência, fazendo com que os personagens sejam até meio infantis e a relação se desenvolva de forma ingênua. Quanto ao termo “assustar”, sei que não é o mais correto, mas levando em consideração toda moralidade que permeia as relações amorosas, me pareceu a mais fidedigno à realidade, embora discorde veementemente dele. Enfim, apenas consigo concluir que a técnica está funcionando, pois o casal mais amado de todas as telenovelas atuais em transmissão, É FORMADO POR DOIS HOMENS!

É evidente que essa nova roupagem dada aos filmes, séries e novelas, com a humanização de personagens LGBTQIAPN+ muda a relação imposta pela heterocisnormatividade a esses corpos. Além disso, traz uma representatividade extremamente importante, que a minha geração infelizmente não teve, mas que agora pode assistir, se emocionar e até mesmo desejar que aquela cena se torne uma realidade na sua vida.

No entanto, no Brasil, há uma tentativa legislativa medíocre de dizer “não às uniões afetivas LGBTQIAPN+”, mas isso não acontecerá! Sabe o motivo?! “AVIDA IMITA A ARTE”. E a arte está aí, contanto ao mundo que nosso amor existe, nossos sentimentos existem, nossas famílias existem, nós existimos e resistiremos para manter a liberdade de expressar nosso jeito ser, agir, rir, falar e AMAR.

## TEXTO EM HOMENAGEM AO DIA DO PSICÓLOGO 27 DE AGOSTO DE 2023

**Gabrielle de Oliveira**

Assistente em Administração desde 2017. Lotada na Pró - Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, atualmente Coordenadora de Psicologia Organizacional e Serviço Social (CPOSS/DDP) Graduanda em Serviço Social

Há tempos venho querendo transformar o cotidiano em palavras. Dizem por aí que convites são oportunidades, portanto, não hesitei em utilizar este espaço para isto. Por falar em “cotidiano”, penso que esta é uma boa palavra para começarmos. Segundo o dicionário, *cotidiano* é aquilo que acontece diariamente; que é comum; rotineiro, banal, diário – acrescentaria ainda que, *cotidiano*, é a soma de dias lineares demais para serem considerados *extraordinários*.

Por ironia, conversas cotidianas estão se tornando cada vez mais banais. Existe até um modo de acelerar falas em aplicativos que – inclusive, já foram criados para as intituladas “conversas instantâneas”. Portanto, acelerar conversas instantâneas tem sido o nosso cotidiano.

Na contramão disto, resistem espaços que não banalizam o cotidiano: as salas de escuta das(os) psicólogas(os). Ali dentro, o silêncio conta histórias que não se contabilizam em palavras. Nestes espaços, o cotidiano é escutado e pasmem (!) sem ser acelerado. Rubens Alvez ficaria orgulhoso – escreveu sobre a arte da escutatória em um de seus textos “*Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo*

*quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular...*”. A escutatória resiste Rubens!

Retomando a conversa inicial: “Há tempos venho querendo transformar o cotidiano em palavras...”. Meu cotidiano de trabalho é compartilhado com a atuação de colegas psicólogas em um setor de psicologia – elas escutam, acolhem e juntas, respeitando o sigilo que cada fala requer, pensamos em formas de ressignificar cotidianos de trabalho.

Contudo, embora o trabalho seja em equipe, quem faz a escuta são elas. Elas escutam sobre cotidianos adormecidos ou agitados demais, encontram palavras no silêncio, ouvem o que ninguém parece escutar.

Às vezes vejo em cada abre e fecha da sala de escuta. Às vezes vejo através dos abraços invisíveis alcançados a cada: “entra, pode sentar”. Quando a porta da sala se abre, abre-se também um breve sorriso que parece sempre dar boas vindas – não a pessoas, mas a histórias – sejam elas cotidianas ou extraordinárias, pouco importa, mas no fim, sempre importa. Às vezes vejo o silêncio também falar através delas – um silêncio sempre cheio de

muita coisa, acredito que sempre fica alguma coisa de quem vai.

Este texto não se limita a abordar o cotidiano de trabalho, mas é sim, uma forma de não o limitar. De falar pra vocês, que aquele “abrir e fechar a sala” não é apenas um *adjetivo*: *que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário*. É no cotidiano de trabalho de vocês, que se faz refúgio. Ali dentro é refúgio, enquanto lá fora, parafraseando Rubens Alvez, diria que “...*não se aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor... Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração... E precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor*”. O abrir da sala é quase um sussurro: “*seja você...*” enquanto lá fora, nossas falas são constantemente complementadas com o “*acho que você deveria...*”. Quando a porta da sala abre, parece que abre algo dentro da gente também. Portanto, repito: esse texto não se limita a abordar o cotidiano de trabalho, é uma forma de lembrar o quanto é extraordinário e “*não rotineiro*” o trabalho de cada um(a) de vocês, colegas psicólogos e psicólogas, em especial aos da FURG.



# EDUCAÇÃO PÚBLICA E OS CUPINS

**Cristiano Ruiz Engelke**

Professor coordenador do Comitê Assessor de Sociologia – ICHI/FURG.

Cientista social e doutor em Ciência Política e membro da diretoria da

APROFURG, seção sindical do ANDES-SN

A educação pública no Brasil, conforme alertava Darcy Ribeiro, tem a crise como um projeto. Esse projeto tem idas e vindas, por vezes acompanhando o movimento pendular da nossa frágil democracia, por vezes seguindo seu rumo a despeito da própria democracia. Porém, tratar de democracia sem uma educação pública cidadã de qualidade e inclusiva, é tratar de fórmulas, de instituições, de políticas públicas, mas com o que há de mais importante em uma democracia – seu povo – alheio a ela própria.

A educação tem um papel fundamental na formação de cidadãos e cidadãs conscientes de suas realidades e do potencial emancipador da construção coletiva. A própria democracia deve ser compreendida em seu potencial educativo, valorizando a participação voltada ao interesse da coletividade. Porém, a educação também pode servir para controlar, reprimir e assim inviabilizar a possibilidade de construção coletiva de projetos emancipatórios, reproduzindo lógicas individualistas, competitivas, excludentes, subalternizantes e antidemocráticas.

Dessa maneira, quando a crise na educação é compreendida como um projeto, este projeto tem muitos autores, passando pelas elites tradicionais, pela elite empresarial (e seus tentáculos do sistema "S"), por grupos políticos e religiosos que visam a dominação a partir de princípios morais reacionários, pelo sistema capitalista global e sua ideologia neoliberal da educação empreendedora. A disputa pela educação brasileira se dá por diferentes projetos, principalmente se queremos a educação da crise permanente ou uma educação cidadã emancipadora.

Nos últimos anos vivemos uma crise histórica (em uma história de crises) na educação brasileira, com ataques às instituições, à docentes, estudantes, trabalhadoras e trabalhadores na educação. Foi um período no qual a política educacional visava a sua aniquilação como política pública e evidenciou-se a tentativa escancarada de destruição dos custosos avanços que já construímos na educação pública brasileira. Desde o golpe de 2016, foram inúmeros ataques,

evidenciados na implementação do Novo Ensino Médio, bem como os ataques orçamentários e ideológicos às instituições públicas de ensino e pesquisa em nosso país.

Esses foram ataques claros, à luz do dia, reluzentes como o ouro que circulava no ministério da educação controlado por pastores. Não apenas crise, mas a destruição completa da educação pública estava em curso. Mas essa não é a única forma de destruir a educação pública. No Seminário Nacional sobre a Reorganização da Classe Trabalhadora, em Mossoró-RN, em junho de 2023, organizado pelo ANDES-SN, a professora e historiadora Virgínia Fontes, da Universidade Federal Fluminense (UFF), ao analisar a situação das Universidades brasileiras, utilizou uma interessante analogia, demonstrando dois tipos de ataques: o ataque à marretada, como vivíamos nos tristes tempos do governo anterior, com ataques muito evidentes às Universidades públicas, buscando a sua destruição na marra.

O outro ataque é dos cupins, comendo e corroendo as Universidades por dentro de suas estruturas e por dentro de corações e mentes. Os cupins da Universidade pública (e da educação pública como um todo) são a ideologia dos empreendedores de si, a supremacia da lógica competição entre empreendedores, minando as possibilidades da própria educação pública voltada à formação cidadã, ou mesmo as possibilidades de existência da própria Universidade pública em um futuro próximo. A mercantilização das Universidades, da educação e das pessoas pode acabar por corroer os laços sociais, as perspectivas de ação coletiva, destruindo aquilo que deveria ser o cerne da educação: as relações humanas fundadas no respeito, no cuidado e na democracia.

A Universidade pensada a partir da lógica empreendedora alimenta os seus cupins e sua própria destruição. É preciso construir e fortalecer lógicas, espaços, políticas e ações que caminhem pelo lado oposto, servindo de inseticida aos cupins das Universidades e da educação públicas. Torna-se cada vez mais importante o

fortalecimento de políticas que incentivem a construção coletiva, a atuação social, a participação democrática e inclusiva, o diálogo e a escuta, o cuidado e o apoio como lógica de ação cotidiana, e, lugar da permanente competição entre indivíduos empreendedores.

A implementação da curricularização da extensão ou a criação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, na FURG, bem como uma série de outras iniciativas e projetos sociais (como NUDESE e INEESOL entre tantos outros), além de sindicatos, coletivos e movimento estudantil, podem ser passos importantes nesse sentido, mas ao mesmo tempo podem ser quase irrelevantes se não houver uma mudança mais drástica na maneira como compreendemos e fazemos o nosso cotidiano na Universidade e na educação pública.

De que forma e com quais objetivos pensamos as aulas, os cursos, os projetos de pesquisa, ensino e extensão, são pontos cruciais para que os cupins parem de se alastrar em nossas instituições e em nossos corações e mentes. É preciso também que se pense e se construa um projeto de Universidade para o povo, para a formação cidadã e democrática. Com mais humanidade, mais arte, mais vida. A Universidade deve ser compreendida como um grande ateliê de criação e ação permeados de razão e de afetos, de alegrias e bem viver, e não um espaço frio e exclusivamente racional, como muitas vezes é compreendido.

A Universidade que queremos ainda está a ser construída e não será com fórmula mágica ou algum salvador. Muito menos será destruindo as bases de seu caráter público, popular, coletivo e inclusivo. Da mesma forma, com uma trégua das marretas, não será com cupins que teremos uma educação pública de qualidade. Que sejamos o inseticida da Universidade e da educação, que livre de seus cupins, possa finalmente construir um projeto que não seja de crise, mas de outras Universidades e outros mundos possíveis, mais justos, mais democráticos e mais iguais.

# PELA RETOMADA DA INDÚSTRIA NAVAL BRASILEIRA E DO NOSSO POLO NAVAL

Deputado Federal **Alexandre Lindenmeyer**

A Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul enfrentou, ao longo de décadas, desafios de ordem econômica e social que culminaram em um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) substancialmente inferior ao restante do Estado. Se considerássemos a Metade Sul dos anos 2000 como um Estado, ela estaria classificada na 13ª posição no ranking do IDH, enquanto o RS ocuparia o 1º lugar, tal era o grau de estagnação econômica e social da região.

A partir de 2002, com a eleição do presidente Lula, políticas sociais importantes foram implantadas, como o Bolsa Família, mitigando a pobreza das famílias vulneráveis da Metade Sul. Além disso, investimentos importantes foram realizados no ensino superior e técnico e na infraestrutura e logística da região. Todavia, a transformação social mais significativa se deu com a implantação do Polo Naval nos municípios do Rio Grande e São José do Norte. O empreendimento foi impulsionado pela demanda da Petrobras por plataformas oceânicas, notadamente após a confirmação do potencial das reservas do Pré-sal. Os investimentos realizados superaram a impressionante cifra de R\$ 8 bilhões, resultando na criação de mais de 47 mil postos de trabalho, diretos e indiretos, na região do COREDE-Sul.

O Polo Naval na Metade Sul do RS, notadamente representado pelo Dique Seco do Rio Grande, dispõe de uma infraestrutura potente, compreendendo mais de 500 mil metros quadrados de área, com capacidade de produção mensal superior a 8 mil toneladas e, por isso, está habilitado à construção de plataformas marítimas de grande porte, como foram as P-53, P-55, P-58, P-63 e P-74. Adicionalmente, a retomada da indústria naval reverberou positivamente em diversos setores econômicos regionais, tais como o siderúrgico, elétrico, químico, de transporte, hoteleiro, varejista, educacional, entre outros.

Ao contrário do que alegam seus detratores, a história recente da indústria naval brasileira demonstrou, como um todo, a relevância estratégica do setor ao produzir mais de 605 embarcações e captar investimentos superiores a R\$ 50 bilhões em projetos, confirmando sua viabilidade técnica e econômica. Em 2014, o setor atingiu 83 mil empregos diretos e mais 400 mil indiretos, o que sugere a possibilidade de um futuro promissor para região, se as promessas para o setor forem cumpridas.

O golpe de 2016, o impeachment sem crime perpetrado contra a presidenta Dilma



Imagem: Reprodução CUT.org.br

Rousseff, acarretou na descontinuidade da política de Conteúdo Local e uma série de ataques contundentes contra a indústria naval brasileira, resultando na exportação de postos de trabalho, dado que as encomendas da Petrobras foram direcionadas para o exterior. Uma política de destruição patrocinada por Michel Temer (MDB) e Pedro Parente, ex-ministro do Governo FHC (PSDB).

O Governo Bolsonaro representou a continuidade da política destrutiva de Michel Temer e Pedro Parente, privilegiando os lucros e dividendos dos acionistas da Petrobras, em detrimento do interesse nacional. Tal foi a política de destruição bolsonarista que, pela primeira vez na história democrática recente, um presidente da República não consegue reeleger-se, mesmo utilizando criminosamente a máquina pública em seu favor.

Uma nova esperança nascia no horizonte com a vitória do presidente Lula em 2022. Podemos afirmar que a Metade Sul do RS, em seu conjunto, votou claramente pela retomada de um projeto nacional de desenvolvimento, como revelam os mapas eleitorais. Principalmente porque a região soube reconhecer que os Governos do PT foram fundamentais para as mudanças ocorridas nas últimas décadas. Além disso, a grande expectativa da região está, corretamente, na retomada da indústria naval, recuperando a geração de empregos, renda e prosperidade para trabalhadores e trabalhadoras.

A fim de fortalecer a indústria naval

brasileira torna-se imprescindível retomar os investimentos públicos e privados no território nacional. O programa TP25, com a previsão de contratação de 25 embarcações para cabotagem por parte da Transpetro, assim como o investimento de US\$ 78 bilhões em 14 novas plataformas pela Petrobras, surgem como iniciativas promissoras. Nesse sentido, serão necessários esforços adicionais para garantir um novo marco regulatório adequado, financiamento estável, conteúdo local em níveis exequíveis e a preservação dos direitos trabalhistas.

Além disso, a inclusão do setor de petróleo e gás no Novo PAC é um passo crucial para a recuperação da indústria naval e, consequentemente, para o desenvolvimento da nossa Metade Sul. O PAC 3 prevê investimentos substanciais, estimados em R\$ 323 bilhões, e se configura como uma iniciativa fundamental para alavancar o desenvolvimento socioeconômico do país, como visto nas edições anteriores do PAC.

Em síntese, a recuperação da indústria naval assume importância vital tanto para o Brasil quanto para a nossa região. Além de gerar empregos e renda, a indústria naval fortalece a economia, fomenta o desenvolvimento regional e cria novas perspectivas para a população. Foi com esse objetivo que propomos e lançamos a Frente Parlamentar Mista em Defesa da Indústria Naval brasileira, em junho passado, reunindo e articulando governo, parlamentares de diferentes partidos, empresários e empresárias e trabalhadores e trabalhadoras.

# LENÇOS VERDES - PELA VIDA DAS MULHERES

**Lilian Ney** é Pedagoga na Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), poeta, agitadora cultural, feminista. Atualmente, cursando Doutorado em Pesquisa Narrativa y (Auto)biográfica en Educación na Universidad Nacional de Rosario – AR.

Frase que a define: *Nem tudo o que escrevo é sobre mim. Mas, tudo o que escrevo habita em mim!*

Todos os dias, são dias de luta, para as mulheres. Caminhamos e avançamos, mesmo com toda a força que o patriarcado usa para nos empurrar para os lugares de silenciamento. Nos empoderamos umas com as outras, naquilo que acontece entre nós, do que se dá entre nós, neste tempolugar nos estranhmos e nos transformamos, nos recriamos, nos reinventamos.

Pensar este *com*, este *entre*, não só no sentido de *estar junto*, mas, de estarmos abertas para escutar outras mulheres e a nós mesmas. De espichar nosso olhar para além do nosso feminismo, nosso corpo, nossa voz. Como lemos outras mulheres e seus feminismos? Como lemos nosso próprio feminismo? Como conjugamos as opressões?

A nossa luta, gosto de pensar na ideia de *rizoma*, como metáfora, para pensar, viver, discutir o feminismo e a luta das mulheres, mulheres plurais, feminismo diverso e inclusivo, na qual não exista a ideia de hierarquia de uma opressão sobre outra. É importante que nos conscientizemos criticamente para que a transformação aconteça na prática. Isso requer um olhar-pergunta, uma pergunta-espanto, sermos perguntadeiras feministas<sup>1</sup> como forma de desobediência criativa ao patriarcado e suas tramas.

Recentemente ganhamos a ação que justificava o comportamento abusivo,

sobretudo de homens, sobre suas parceiras, nos casos de feminicídio e de agressão amparados pela tese da legítima defesa da honra, que protegia o patriarcado e suas formas machistas, sexistas, misóginas fundadas no pressuposto da superioridade masculina.

28 de setembro, é o Dia Latino-Americano e Caribenho de Luta pela Descriminalização do Aborto. No Brasil, a ADPF 442, pauta proposta pelo @PSOL e pelo @anisbioetica, solicita ao STF excluir do Código Penal Brasileiro os artigos 124 e 126, que definem como crime a interrupção da gravidez até 12 semanas de gestação, tanto para a mulher quanto para quem a ajuda a abortar.

No dia 05/11/23, em Rio Grande, cidade histórica de lutas, – lembremos o 1º de Maio de 1950 e a luta operária, conhecida como “Massacre da Linha do Parque” e em 2018, os atos do #EleNão, uma manifestação histórica coordenada por mulheres do Brasil e apoiada por cidadãs e cidadãos de todo o mundo em repúdio ao candidato da extrema direita que pleiteava uma vaga para presidente – aconteceu o ato foto-simbólica, em data posterior ao 28 de setembro em solidariedade às pessoas atingidas pelas fortes chuvas que assolaram o estado.

Durante muito tempo os homens, os homens têm decidido sobre nossos corpos, nossas vozes, nossas vestimentas, nossos hábitos e sobre nossos ventres. A ideia da

gravidez como dever é mais uma das pautas que fazem parte de deliberações do patriarcado sobre nós. Nossos corpos, nossas regras. Criminalizar o aborto incide, negativamente, sobretudo, em mulheres negras, periféricas, pobres, que realizam a interrupção da gravidez em lugares insalubres, levando muitas vezes à morte da mulher.

Essas e outras narrativas impostas pelo patriarcado e, muitas vezes, repetidas, inclusive por nós, mulheres, precisam, mais do que ser respondidas, precisam ser perguntadas, indagadas, questionadas. Um exercício de estranhamento ético, estético e político, no qual o nosso feminismo civilizatório não exclua outras mulheres. Permitir que o nosso feminismo subjugué outras mulheres é compactuar com a normalidade patriarcal, que escreve sobre nós. A desobediência ao silêncio imposto, talvez, seja uma das características mais fortes e marcantes do feminismo.

Assim, *estar com* e *estar entre* essas mulheres nessa foto-simbólica, compartilhando de projetos e ideias pensadas, vividas, lembradas, perguntadas, enfrentando o meu/nossos estranhamentos e, sobretudo, praticando a escuta feminista, é mais do que um registro simbólico, mas uma busca incessante de um tempolugar no qual não precisemos mais nos perguntar “E eu não sou uma mulher?”



Fotos de: André Soares / Instagram: @andresoarest

<sup>1</sup> Débora Diniz e Ivone Gebara nos convidam para uma conversa urgente e necessária ao projeto intelectual feminista criando aproximações éticas, amorosas e de cumplicidade entre mulheres, partindo de 12 verbos que, “se conjugados no plural, podem mostrar a abertura de caminhos revolucionários, de esperança feminista”, no livro *Esperança Feminista*, 2022.